

O DUPLO EM “O HORLA”, DE GUY DE MAUPASSANT

Letícia Cristina Alcântara RODRIGUES¹
Universidade Federal de Goiás
letycrys@gmail.com

Resumo: “O Horla” (segunda versão), de Guy de Maupassant, narra, em forma de diário, o encontro de um narrador-personagem não identificado com uma criatura invisível, que o persegue, usurpa sua identidade e autonomia como indivíduo, deixando-lhe a morte como única alternativa. Com o intuito de estudar as imagens criadas por Maupassant para construir o mito do duplo no conto, apoiamo-nos na hermenêutica simbólica, utilizando pressupostos teóricos de Gaston Bachelard, C. G. Jung e Gilbert Durand. Além disso, valemo-nos de autores que teorizam sobre a questão da morte e do duplo como Edgar Morin, Otto Rank e Clément Rosset.

Palavras-chaves: Mito do duplo; Guy de Maupassant; Hermenêutica simbólica.

O termo *doppelgänger* – “segundo eu”, “duplo” ou, literalmente, “aquele que caminha do lado”, cunhado por Jean-Paul Richter em 1796 – surgiu no Romantismo alemão, entretanto, a ideia do duplo está presente em narrativas que remontam à mais remota antiguidade. Ele pode ser visto, por exemplo, no mito de Narciso, que encontra o amor e a perdição em seu reflexo, proporcionado pelo espelho das águas, ou em Édipo, que, incapaz de contemplar sua culpa, cega-se no intuito de evitar o conhecimento de seu outro eu.

Na literatura, o duplo causa fascínio nos escritores, que o trabalham sob diversos pontos de vista. Da antiguidade até o século XVI, esse mito se concentrava em torno da unidade do eu, estando representado na figura dos gêmeos ou das semelhanças físicas entre duas pessoas, ou seja, dos sócias, passando, a partir do século XVII, a configurar a presença do heterogêneo, que se define pela relação binária estabelecida entre sujeito-objeto e pela cisão do eu (BRAVO, 1997).

Nesse processo de (re)atualização, os textos literários, ao tratarem do encontro com o outro eu, levantam questões como a loucura, a angústia e a morte. Sobre esta última, Ana Maria Lisboa de Mello (2000, p. 112) observa que no “nível do microcosmo a crença de que a alma sobrevive ao aniquilamento do corpo é o paradigma da duplicidade”, sendo que, “por um lado, a personificação da alma imortal [...] é uma idéia através da qual o Eu se protege do aniquilamento, por outro, esse duplo é percebido como 'um mensageiro assustador da morte’”. Assim, torna-se claro que, em algumas mitologias, o encontro com seu *doppelgänger* é compreendido como um presságio de morte, um acontecimento nefasto (CHEVALIER; GHEERBRAND, 2000).

É nesse contexto que pretendemos compreender, por meio da hermenêutica simbólica, o duplo e algumas imagens por ele suscitadas no conto “O Horla” (segunda versão), do escritor

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, Área de Estudos Literários, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Suzana Y. L. Machado Cánovas.

francês Henry René Albert Guy de Maupassant (1850-1893). Esse mito está presente em diversos de seus contos, assim como os rumores de alucinações de um outro eu em sua própria vida (RANK, 1939). Discípulo de Gustave Flaubert, Maupassant escreveu mais de 300 contos, seis romances, além de peças de teatro, poesia, crônicas e críticas de arte, tornando-se um renomado escritor no século XIX. Retratando a vida dos camponeses ou burgueses, ele apresenta as relações sociais e econômicas existentes na sociedade e os horrores da guerra franco-prussiana, expondo o sofrimento e a brutalidade da realidade por meio de personagens ingênuos, maliciosos, incestuosos, soldados abandonados e aterrorizados (KON, 2009).

Os contos fantásticos “Carta de um louco”, “Ele?” e “O Horla” (primeira e segunda versão) são alguns exemplos que apresentam a perspectiva de um outro ser que surge na angústia da solidão, que confronta os instintos e sentidos do eu originário, que se apodera dele, usurpando-lhe a identidade. Conforme ressalta Noemi Moritz Kon (2009, p. 19), são nos contos fantásticos que Maupassant “apresenta o núcleo duro de sua obra”, uma vez que “se entrelaçam e se condensam vários dos temas centrais de sua narrativa e nele ganha figura a tonalidade geral da obra: a desilusão”. Ainda é por meio da narrativa fantástica que Maupassant nos apresenta situações que se tornam fonte de horror, uma vez que o

herói dessas narrativas é um homem sem inquietações, que vive num ambiente normal – e não numa mansão mal-assombrada –, em alegria, alguém não torturado por seus nervos, nem por sua inteligência, até que o acaso lhe apresenta uma terrível verdade. (KON, 2009, p. 20)

No conto “O Horla”, publicado em 1887 e escrito em forma de diário, há o relato do encontro do narrador-personagem com uma criatura invisível, que o atormenta durante a noite a princípio, e posteriormente parece apoderar-se de sua identidade e autonomia como sujeito. A narrativa vai do dia 08 de maio a 10 de setembro, contando como o personagem passa de um dia maravilhoso – “[...] estirado na grama”, em frente de sua casa, “sob o enorme plátano que a encobre, que a abriga e lhe dá sombra” (MAUPASSANT, 2009, p. 689), em que descreve a sensação de alegria e o prazer que lhe trouxe saudar “uma soberba embarcação de três mastros brasileira, toda branca, admiravelmente limpa e luzente” (p. 690) – à angústia de perceber que, para se livrar de seu perseguidor, sua única saída é a morte, e por suas próprias mãos. O protagonista declara em determinado momento: “então serei eu que vou ter que me matar!...” (p. 712).

O acaso de que nos fala Kon (2009) está ligado ao navio brasileiro, que, posteriormente, se mostrará como o causador de todas as perturbações que o protagonista sofre, pois foi nessa embarcação que o ser invisível chegou a sua terra e a sua casa. Após ler uma notícia, em uma revista científica, que traz a história de uma “epidemia de loucura” na província de São Paulo, em que os habitantes diziam-se “perseguidos, possuídos, governados como gado humano por seres invisíveis” (MAUPASSANT, 2009, p. 707), o narrador-personagem consegue encaixar no episódio sua própria experiência com o Horla. Assim, assume que a saudação, que dirigira à embarcação fora a causa para que estivesse na mesma situação contada na revista, que corrobora para que seu relato seja compreendido como uma verdade e não apenas fruto de alucinações.

Ah! Ah! eu me lembro, eu me lembro da bela embarcação brasileira que no dia 8 de maio passou diante das minhas janelas, subindo o Sena! Achei-a tão

bonita, tão branca, tão alegre! O Ser estava em cima, vindo de lá, de onde nasceu a sua raça! E ele me viu! Ele viu minha casa também branca; e saltou do navio para a margem. Oh! meu Deus!. (p. 708)

Entretanto, até esse ponto, encontramos no diário do narrador-personagem indícios de uma loucura que justificaria os estranhos fatos que ocorrem ao longo do período relatado. O impacto causado pelo conto foi tão grande que muito se falou sobre a possibilidade de ele ser fruto da doença mental que se apoderava de Maupassant. Porém, o autor só foi acometido pela enfermidade posteriormente, segundo depoimento de seu criado de quarto, citado por Otto Rank:

[Maupassant] estava perfeitamente lúcido quando escreveu a novela em agosto de 1887. A idéia para a novela, relembra o criado de quarto, foi inspirada por uma palestra entretida com um amigo, o qual dissertara a respeito de um indivíduo que se sentia prestes a enlouquecer [...] Sua novela, portanto, poderá ser considerada mais como intuição do que como um registro de experiências. (RANK, 1939, p.64-65)

Desse modo, o protagonista do conto nos deixa na dúvida se seu problema de saúde, apontado no dia 16 de maio, é realmente algo físico. Após ter febre, e sentir sua alma indisposta, ele procura auxílio médico. Este, por sua vez, encontra o paciente com o “pulso acelerado, o olho dilatado, os nervos irritados” (MAUPASSANT, 2009, p. 691) e lhe receita brometo de potássio e duchas.

O século XIX foi marcado por grandes transformações na sociedade, impulsionadas pela Primeira Revolução Industrial – século XVIII, e pela independência das antigas colônias, bem como por avanços científicos e tecnológicos. O brometo de potássio foi usado como anticonvulsivo e sedativo nos séculos XIX e XX, sendo considerado o primeiro medicamento para tratar a epilepsia. Entre os efeitos de sua ingestão estão: reações centrais levando da sonolência ao coma – perda completa ou parcial da consciência, delírio, ataxia, vômitos. Alguns desses sintomas podem ser encontrados no protagonista do conto, em especial sua perda de consciência e delírio. Assim, a explicação racional é apresentada para aqueles fatos, confundindo ainda mais o leitor.

Não devemos deixar de comentar que o Cientificismo surgiu na França, durante a segunda metade do século XIX. Nesse sentido, podemos encontrar em “O Horla” influências da teoria de Charles Darwin, em especial, na explicação para o surgimento do Horla. Para o protagonista, ele é a evolução, o ser que veio para tomar a posição dominante do homem. “Agora eu sei, pressinto. O reinado do homem acabou. [...] mas o Horla vai fazer com o homem o que fizemos com o cavalo e o boi: sua coisa, seu servidor e seu alimento, pelo simples poder de sua vontade. Ai de nós!” (p. 708). Encontramos, ainda, referências ao hipnotismo e magnetismo, em voga na época do conto.

Eu estava em sua casa [da prima] com duas outras jovens senhoras, uma delas casada com um médico, o dr. Parent, que se interessa muito por doenças nervosas e pelas manifestações extraordinárias que acontecem neste momento em virtude das experiências com a hipnose e a sugestão (p. 698).

Após a experiência com a hipnose, o protagonista sente-se perturbado pela possibilidade

de ser submetido à vontade exterior, que pode dominar sua alma. Assim, temos um sujeito que se sente à beira da loucura, transcrevendo para as páginas de seu diário a angústia sentida frente à possibilidade de perder o controle de si mesmo e à ameaça de morte que se apodera dele durante o sono:

Durmo – longamente – duas ou três horas, depois de um sonho, não... um pesadelo me assalta. [...] Sinto perfeitamente que estou deitado e que durmo... Sinto e sei... e sinto também que alguém se aproxima, que me olha, que me apalpa, sobe em minha cama, se ajoelha sobre meu peito, me prende o pescoço entre suas mãos e aperta... aperta... com toda a força para me estrangular.

Eu me debato, amarrado por essa impotência atroz que nos paralisa durante os sonhos; quero gritar – não consigo; quero me mexer – não consigo; [...]

E subitamente acordo, enlouquecido, coberto de suor. Acendo a vela. Estou sozinho. (p. 692).

Esse temor da morte que aflige o narrador-personagem não é exclusivo dele, mas diz respeito ao ser humano de modo geral, que busca na “crença da sobrevivência pessoal” uma brecha para “salvar sua integridade além da decomposição”, conforme expressa Edgar Morin (1997, p. 133).

Apesar do registro da possível loucura que se apoderava do protagonista, quanto mais o relato avança, o inexplicável parece torna-se mais nítido, assumindo o suposto intruso a forma de uma criatura estrangeira, de corpo invisível, vinda para substituir a espécie humana, falha em seus sentidos, que não consegue enxergar além da realidade em que está inserida, que tem o peso da iminência da morte a dominá-la cada instante da vida, que perturba sua sanidade ao se mostrar prevista e imprevisível.

‘A destruição prematura? Todo o temor humano vem daí! Depois do homem, o Horla. Depois daquele que pode morrer todos os dias, a qualquer hora, a qualquer minuto, por qualquer acidente, veio aquele que deve morrer apenas no seu dia, na sua hora, no seu minuto, porque alcançou o limite de sua existência! [...] (MAUPASSANT, 2009, p. 712).

A angústia sentida pelo protagonista do conto remete-nos ao pensamento de Arthur Schopenhauer (2000), mostrando-se como a consciência humana da possibilidade insondável da morte, que permite ao homem conhecê-la antes mesmo que ela se faça presente. Desse modo, o homem não apenas teme a morte, mas se angustia frente a sua presença constante.

Otto Rank (1939), ao analisar o duplo, concebe-o como fruto dessa angústia de morte, que ameaça o homem constantemente. Assim, o medo da finitude do eu, o conhecer-se efêmero, eram perspectivas difíceis de serem admitidas pelo homem primitivo, razão pela qual se originou a crença na alma imortal – fundamento das tradições religiosas de modo geral. Em suas palavras, “a crença na alma originou-se do desejo de vencer este medo, e daí sobreveio a divisão da Personalidade em duas partes – uma mortal e outra imortal” (RANK, 1939, p. 100).

Em “O Horla” encontramos as primeiras suposições da existência do duplo no dia 5 de julho. Nesse dia o narrador relata-nos o estranho fato de, após um sono conturbado e sentindo-se com sede, encontrar a garrafa de água vazia.

5 de julho – Será que perdi a razão? O que aconteceu na noite passada, aquilo que vi, é tão estranho que minha cabeça se perde quando penso nisso! [...]

Tendo enfim recuperado a razão, tive sede outra vez; acendi a vela e fui à mesa onde estava pousada a garrafa. Eu a levantei, inclinando-a sobre o copo; nada escorreu. – Ela estava vazia! Completamente vazia! De início não entendi; depois, subitamente, senti uma comoção tão horrível que tive de me sentar, ou melhor, desabei em cima de uma cadeira! Mas em seguida me reergui com um pulo, para olhar ao redor! Depois sentei novamente, louco de espanto e de medo diante do cristal transparente! [...] Minhas mãos tremiam! Então tinham bebido aquela água? Quem? Eu? Eu, sem dúvida! Só podia ser eu? Então eu era sonâmbulo, eu viva, sem saber, essa misteriosa vida dupla que nos faz desconfiar se não existe dois seres em nós, ou se um ser estrangeiro, irreconhecível e invisível, anima, nos momentos em que nossa alma está entorpecida, o nosso corpo feito prisioneiro, que obedece a esse outro como a nós próprios, mais do que a nós próprios. (p. 695-696)

O horror descrito pelo personagem, primeiramente por perceber alguém havia bebido sua água, e, posteriormente, por assumir que, com o quarto fechado, o único que poderia ter realizado tal ação seria ele próprio, abala a suposição de uma loucura como única justificativa para os fatos ocorridos até aquele momento. A dúvida torna-se ainda mais presente, uma vez que o inexplicável apresenta-se como inquietante, conforme Kon (2009, p. 22) afirma, levando-nos ao fantástico que “nos imprime o terror, a hesitação, o sobressalto, e nos empurra num mergulho doloroso no pesadelo, na noite, enfim, na loucura intrínseca a cada um de nós”.

Assim, a loucura parece se reforçar por meio de um possível sonambulismo. Entretanto, o protagonista ao mesmo tempo em que se considera louco não se mostra confiante nesse autodiagnóstico e resolve utilizar-se de artimanhas para comprová-la ou não.

10 de julho – Acabo de fazer umas experiências surpreendentes.

Decididamente estou louco! E no entanto!...

No dia 6 de julho, antes de me deitar, coloquei sobre a mesa vinho, leite, água, pão e morangos.

Beberam – eu bebi – toda água, e um pouco do leite. Não tocaram nem no vinho, nem no pão, nem nos morangos. [...]

No dia 8, suprimi a água e o leite. Não tocaram em nada.

No dia 9 de julho, enfim, recoloquei sobre a mesa somente a água e o leite, tratando de enrolar as garrafas em panos de musselina branca e de amarrar as tampas. Depois, esfreguei grafite em meus lábios, barba e mão, e me deitei.

O sono, irresistível, me apanhou, seguido em pouco tempo de um despertar atroz. Eu não havia me mexido; mesmo os lençóis estavam sem manchas. Precipitei-me à mesa. Os panos que cobriam as garrafas haviam permanecido imaculados. Desatei os cordões, tremendo de medo. Tinham bebido toda a água! tinham bebido todo o leite! Ah! meu Deus!... (p. 696)

As constatações deixam o protagonista ainda mais perturbado e ele viaja a Paris, onde terá experiências com o hipnotismo, que o deixarão perturbado pelo fato do homem render-se aos desejos de outrem.

Somente no dia 6 de agosto é que o narrador-personagem parece descartar a ideia de

loucura, assumindo a existência de um ser invisível, que se alimenta de água e leite, vivendo ao seu lado, sob seu teto.

6 de agosto – Dessa vez não estou louco. Eu vi... eu vi.. eu vi!... Não posso mais duvidar...[...]
Eu caminhava, em pleno sol das duas horas, por meu roseiral... Pelo renque de roseiras de outono que começavam a florescer.
[...] vi, vi nitidamente, bem perto de mim, o caule de uma das rosas dobrar-se [...] como se essa mão tivesse colhido a flor! [...] uma assustadora mancha vermelha a três passos de meus olhos”. (p. 702)

Segundo Morin (1997, p. 134), “o duplo pode agir de modo autônomo”, o que corrobora a existência de um outro naquela casa. Um ser que se alimenta e que caminha como o protagonista, já não mais dependendo do período de sono dele para existir. Ele agora caminha à luz do dia, de forma independente. Outras demonstrações do duplo são observadas pelo protagonista, que vê essa relação se tornar sufocante na medida em que o duplo o persegue, aprisionando-o, dominando-o.

7 de agosto – Dormi tranquilo. Ele bebeu a água da minha garrafa, mas não me perturbou o sono. [...]
8 de agosto – Ontem passei uma noite horrível. Ele não se manifesta mais, mas sinto-o perto de mim, me espiando, me olhando, invadindo, dominando, e mais temível – [...]
Apesar disso, dormi.
12 de agosto, dez da noite – Durante todo o dia tive vontade de ir embora; mas não pude. Quis realizar esse ato de liberdade tão fácil, tão simples: sair, subir em meu carro e ganhar Rouen. Não consegui. Por quê?[...]
14 de agosto – Estou perdido! Alguém me possui a alma e a governa! Alguém comanda todos os meus atos, os meus movimentos, os meus pensamentos. Não sou mais nada em mim, nada, apenas um espectador escravo e aterrorizado por todas as coisas que realizo. Desejo sair. Não posso. Ele não quer; e eu fico, desorientado, trêmulo, na poltrona onde ele me mantém sentado. [...]
16 de agosto – Hoje consegui escapar durante duas horas, [...] Depois, na hora de subir de novo no cupê, eu quis dizer: “Para a estação!”, mas gritei – eu não disse, gritei – com uma voz tão forte que as pessoas que passavam se voltaram: “Para casa!”, e desabei, louco de angústia, no banco do carro. Ele havia me encontrado e me tomado novamente. (p. 704-706)

Neste momento, é pertinente mencionar a aproximação entre a definição do duplo e o nome “Horla”, efetuada por Antonia Fonyi (1995, p. 93, grifos do autor, tradução nossa²): “dentre as definições de duplo, vou mencionar, como uma ferramenta da reflexão, apenas uma: o duplo marca o encontro – ou separação – da alteridade e identidade. *Hors*: alteridade *là*: identidade”.

Desse modo, a duplicidade no texto de Maupassant revela-se não apenas na possibilidade da existência de um outro eu, mas na própria impossibilidade de se determinar o

² “Parmi les définitions du double, je n'en retiendrais, comme outil de réflexion, qu'une seule: le double marque la rencontre - ou la séparation - de l'altérité et de l'identité. *Hors*: altérité; *là*: identité”

protagonista. Não há nome ou descrição do narrador-personagem, apenas o relato de sua agradável vida no campo, e apresentado como um homem ligado a seus ancestrais.

[...] gosto de viver aqui porque aqui tenho minhas raízes, essas profundas e delicadas raízes que fixam um homem à terra onde nasceram e morreram seus ancestrais, que o ligam ao que se pensa e ao que se come, aos hábitos assim como à comida, ao linguajar local, ao sotaque dos camponeses, aos cheiros da terra, das aldeias e do próprio ar. (p. 689)

Entretanto, essa relação harmoniosa com seu espaço apresenta-se frágil, uma vez que, aos indícios de sua perturbação que o atormenta, o narrador só se sente seguro ao sair daquela região. Durante suas viagens, todo o mal-estar ou ameaça de algum perigo se esvai, dando-lhe a sensação de cura, mesmo que momentânea.

2 de julho – De volta. Estou curado. Aliás, fiz uma viagem encantadora. Visitei o monte Saint-Michel, que eu não conhecia. [...]
Daqui a pouco vou partir para Paris.
12 de julho – Paris. Eu perdera a cabeça nos últimos dias! Devo ter sido vítima da minha imaginação nervosa, [...] Em todo caso, meu descontrole beirava a demência, e vinte e quatro horas de Paris foram suficientes para me pôr de novo no prumo. (p. 693-697)

Assim, em sua casa, símbolo de aconchego e conforto, o protagonista não se encontra seguro. Antes, vê-se atormentado por uma criatura que, ao contrário dele, possui um nome, uma identidade, que não se mostra em crise como ele.

O encontro do narrador com seu duplo frente ao espelho é de suma importância para compreendermos a relação formada entre o *Hors* e o *là*, que, para Nicole Bravo (1997, p. 279), é “fora [de mim]” e “não aqui”, respectivamente. Nesse episódio, temos o ápice do aprisionamento do personagem pelo Horla, que lhe usurpa o reflexo no espelho.

[...] enxergava-se ali como se em pleno dia... e eu não me vi no espelho!... Ele estava vazio, de um claro profundo, cheio de luz. Minha imagem não estava lá dentro... e eu, eu estava de frente! Via o grande vidro cristalino de alto a baixo! E olhava aquilo com olhos assustados, e não tinha mais coragem de avançar [...]subitamente comecei a vislumbrar-me em meio a uma bruma no fundo do espelho, numa bruma como se através de uma cortina d'água; e me parecia que aquela água deslizava... (p. 710)

O duplo, conforme aponta Morin (1997, p. 136), pode se manifestar pelo reflexo, pois o “além do espelho é o verdadeiro reino dos duplos, o reverso mágico da vida”. É nesse contexto que encontramos o duplo nos mitos de Narciso e Édipo ou da Criação na mitologia judaico-cristã. Narciso lança-se na fonte atrás do seu amor, que nada mais é que sua própria imagem, seu duplo refletido na água, enquanto Édipo, ao ser colocado em frente ao espelho da verdade, cega-se por medo de encontrar seu outro eu e reconhecer sua cisão enquanto homem. Já em “Gênesis” (1, 2), há o espírito de Deus que pairava sobre as águas no primeiro dia da criação. Segundo Gaston Bachelard (1997), a água duplica o mundo e as coisas em seus reflexos. Gilbert Durand (2002) assegura que a água é o primeiro espelho “dormente e sombrio”, constituindo “o espelho originário” (p.95) uma vez que ele “[...] é processo de

desdobramento das imagens do eu, e assim, símbolo do duplicado tenebroso da consciência” (p. 100). Assim, Édipo, ao se cegar, busca evitar esse encontro tenebroso com sua própria consciência, sabedora de seus crimes – assassinato do pai e união com a própria mãe.

O fato de o personagem de Maupassant não conseguir se enxergar frente ao espelho, leva-nos a levantar duas proposições, além daquela oferecida pelo próprio narrador, que admite estar ali, entre o ele e o espelho, a criatura invisível chamada Horla, que impede seu reflexo. A primeira refere-se à negativa desse personagem de se enxergar na superfície refletora, já que o espelho nos dá acesso ao conhecimento de nós mesmos. Assim, esse narrador-personagem, não nomeado, que se diz apegado as suas raízes, na verdade, não sabe quem ele realmente é, não conhece a si mesmo. Nesse aspecto, valemo-nos do pensamento de Clément Rosset, quando declara que há a possibilidade de o iludido não conseguir perceber a realidade, ou, quando a percebe, a vê de forma deformada, pois nessa escapada do real, o sujeito busca a fuga do enfrentamento de si mesmo.

Às vezes se diz que o iludido não vê: ele está cegado. É inútil a realidade se oferecer à sua percepção: ele não consegue percebê-la, ou a percebe deformada, tão completamente atento que está apenas aos fantasmas de sua imaginação e de seu desejo. (1999, p. 14)

Já a segunda proposição leva-nos à ideia de usurpação da imagem do protagonista. Assim, o Horla usurpa-lhe o reflexo, como um duplo que persegue e que tenta tomar seu lugar. Como possuir uma sombra é importante para a vida em sociedade na narrativa *A história maravilhosa de Peter Schlemihl*, de Chamisso, a falta de reflexo, para os povos primitivos, significa o mesmo que perder a alma, o que resultaria em morte (CHEVALIER; GHEERBRAND, 2000).

O fato de o protagonista só voltar a se enxergar atrás de uma cortina d'água, pode ser compreendido como o momento em que se vislumbra como indivíduo, portador de uma identidade. Segundo Bachelard (1997, p. 23 – grifos do autor), “a água serve para *naturalizar* a nossa imagem, para devolver um pouco de inocência e de naturalidade ao orgulho da nossa contemplação íntima”.

Entretanto, é importante lembramos que, se para Schopenhauer a angústia é a consciência humana da morte, para Françoise Dastur (2002, p. 41), a angústia da morte “é o verdadeiro princípio da individuação” do homem, em que ele toma consciência e conhecimento de si. Aqui encontramos o duplo significado da água, que, apesar de “naturalizar a nossa imagem” (BACHELARD, 1997, p. 23), ela também pode ser nefasta, “substância simbólica da morte” (BACHELARD, 1942, apud DURAND, 2002, p. 96).

Assim, para fugir do ser invisível, “que vive dentro dele ou a seu lado” (RANK, 1939, p. 39), que o observa, persegue e domina, o narrador-personagem arquiteta um plano para eliminar o Horla, pois essa, na sua visão, é a única maneira de se ver livre dele. O protagonista fica obsessivo com a ideia da morte da nova espécie de criatura. Dessa forma, transforma sua casa em uma prisão, colocando grades nas janelas e persianas de ferro em seu quarto. Seu plano é prender o Horla e atear fogo em toda a moradia. Ao contemplar o incêndio com grande satisfação, se dá conta de que se esquecera dos funcionários que estavam dormindo. Tomado de desespero, tenta remediar o erro, porém sua casa, “agora, não passava de uma fogueira monstruosa, iluminando toda a terra, uma fogueira onde homens queimavam, e onde ele queimava também, Ele, Ele, meu prisioneiro, o Ser novo, o novo senhor, o Horla!”

(p. 712).

Mas, imediatamente, o protagonista se vê questionando se seu perseguidor, realmente, havia morrido. Seria ele passível de ser morto? “E se ele não estivesse morto?...” (p. 712). Sua dúvida abre caminho para a compreensão de que aquela criatura não poderia ser morta da maneira por ele imaginada. Afinal, conforme afirma Edgar Morin (1997, p. 134), o duplo é “o núcleo de qualquer representação arcaica referente aos mortos”, pois esse duplo “acompanha o vivo durante sua existência inteira, ele o duplica, e este último o sente, o conhece, o ouve, o vê, conforme uma experiência cotidiana e quotinoturna”, entretanto, o duplo não morre com o vivo, apesar de viver “integralmente a vida da pessoa viva” (p. 137).

Nesse sentido, Rosset (1997) expressa bem o motivo do narrador-personagem chegar à conclusão de que só a morte dele resolveria seu problema.

Esta fantasia de ser o um outro cessa naturalmente com a morte, porque sou eu quem morro, e não o meu duplo: a frase célebre de Pascal (“Morre-só”) designa muito bem esta unicidade irreduzível da pessoa face à morte, mesmo se ela não a tem principalmente em vista. A morte significa o fim de qualquer distancia possível de si para si, tanto espacial quanto temporal, e a urgência de uma coincidência consigo mesmo. (p. 86)

Assim, a única saída para o protagonista, que se vê perseguido por essa criatura que veio do exterior, que representa seu alterego, seu outro eu, é deixar de viver, visto que, tal como Édipo, ele não consegue enfrentar o espelho da verdade, preferindo a cegueira, no caso a morte, afinal, como diz Schopenhauer (2000, p. 138) “a morte é a grande oportunidade de não ser mais Eu”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* Trad. Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAVO, Nicole. Duplo. In: BRUNEL, Pierre (Org). *Dicionário de mitos literários*. Trad. Carlos Sussekind et al. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. p. 261-287.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRAND, Alain. *Dicionário dos Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Vera da Costa e Silva. 15.ed. Rio de Janeiro : Jose Olympio, 2000.

DASTUR, Françoise. *A morte: ensaio sobre a finitude*. Trad. Maria Tereza Pontes. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

FONYI, Antonia. Le Horla, Double indéterminé. In: FONYI, Antonia; TROUBETZKOY, Vladimir. *Le Double*. Chamisso, Dostoïeski, Maupassant, Nabokov. Paris: Honoré Champion, 1995. p. 91-141.

KON, Noemi Moritz. Apresentação. In: MAUPASSANT, Guy de. *125 contos do Guy de Maupassant*. Trad. Almicar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 9-25.

MAUPASSANT, Guy de. O Horla. In: _____. *125 contos do Guy de Maupassant*. Trad. Almicar Bettega. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 689-712.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. Mito e literatura. In: *Ciências & Letras*. Porto Alegre, n. 42, jul./dez., 2007. p. 9-19. Disponível em: <<http://www4.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista42/AnaMariaLisboadeMello.pdf>>. Acesso em 11 nov. 2013.

MORIN, Edgar. *O homem e a morte*. Trad. Cleone Augusto Rodrigues. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

RANK, Otto. *O duplo*. 2.ed. Trad. Mary B. Lee. Rio de Janeiro: Coed; Brasília, 1939.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1999.

SCHOPENHAUER, Arthur. Metafísica da Morte. In: _____. *Metafísica do amor, metafísica da morte*. Trad. Jair Barboza. Rev. Maria Lúcia Mello Oliveira Cacciola. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 57-140.